

EN

Teatro Meridional presents a play by the playwright, winner of the 1969 Nobel Prize in Literature and master of Absurd Theatre, Samuel Beckett. In this production of *Happy Days*, Mónica Garnel plays Winnie, who, buried from the waist down, commands a world of objects and illusions and remains there, illusorily, resisting the passage of time. This play is directed by the actor and theatre director Miguel Seabra, which is also responsible for the workshop *The Meaning of the Masters* of this edition of Festival de Almada.

# HAPPY DAYS

Teatro Meridional (Portugal)

Texto de Samuel Beckett

Encenação de Miguel Seabra



43º FESTIVAL 04 — 18  
de almada Julho 2026

Organização Câmara Municipal de Almada  
Companhia de Teatro de Almada

<i>Dias e Horários</i>	<b>07, 09 e 11 Julho — 21h30</b>
<i>Local</i>	<b>Auditório Fernando Lopes-Graça, Fórum Municipal Romeu Correia, Almada</b>
<i>Língua</i>	<b>Português</b>
<i>Classificação Etária</i> <b>M/12</b>	<i>Duração</i> <b>1H45</b>

*Tradução*  
**João Paulo Esteves da Silva**

*Interpretação*  
**Emanuel Arada e Mónica Garnel**

*Espaço cénico e Figurinos*

**Hugo F. Matos**

*Espaço sonoro*

**Rui Rebelo**

*Desenho de luz*

**Miguel Seabra**

*Assistência de encenação*

**Telma Meira**

*Fotografia*

**Susana Monteiro, Telma Meira e**

**Ana Lopes Gomes**

*Direção de cena, Assistência de*

*cenografia e Montagem*

**Marco Fonseca**

*Operação técnica e Montagem*

**André Reis**

*Assistência de produção*

*e Comunicação*

**Catarina Pereira**

*Comunicação*

**Thalita Araújo**

*Produção executiva*

**Brigite Oleiro**

*Direção de produção*

**Susana Monteiro**

*Direção artística de Teatro*

*Meridional*

**Miguel Seabra e Natália Luiza**

PT

**Beckett, agora. E sempre.**

Tenho uma relação quase religiosa com Samuel Beckett. Quando o leio, regresso a um ponto muito central dentro de mim. Um lugar de inteireza. Beckett reconduz-me a uma escuta profunda, a um estado de presença absoluta.

Para muitos, Beckett é um autor difícil, incómodo, quase maldito: fala do fim do mundo, da infelicidade, da escassez, do vazio, da noite — a noite da humanidade. Um autor de sombra e escuridão, associado à tragédia e aos conflitos mais intrínsecos do ser humano que propõe um teatro da intropesção radical e da reflexão existencial levada ao limite.

Beckett, um dos fundadores do Teatro do Absurdo — movimento teatral de vanguarda que surgiu na Europa na sequência da Segunda Guerra Mundial —, é alguém que percebeu como poucos a falência das narrativas de sentido e a fratura entre linguagem, pensamento e mundo.

Mas, para mim, quando o leio — intuitiva, emocional e racionalmente — Beckett é luminoso. É positivo. Convoca esperança. As suas personagens e os respectivos percursos contradizem essa evidência superficial do caos e do fim. Beckett parece dizer-nos, num plano filosófico, existencial e quase anímico, que a luz só se encontra atravessando o inferno; que o nada é condição para tocar o todo; que a desesperança precisa de ser atravessada para que a esperança não seja sempre adiada para um futuro abstrato. Nesse sentido mais profundo, Beckett é um autor luminoso, diria mesmo que é optimista.

A sua aparente rigidez — o rigor extremo das didascálias, que constituem um texto paralelo — entendo-a como estrutura de suporte fundamental para se identificar a direção do caminho. Uma partitura hiperexigente para atores que gostam verdadeiramente de ser atores. Beckett é matemática pura, silêncio que tem som, pausa que vibra, som que é também silêncio. Ausência com espaço interno. Tudo é métrico, milimétrico.

Essa hiperestruturação provoca a sua própria antítese: a liberdade. A pressão do rigor obriga-nos a encontrar o ponto de fuga certo, o ponto exato onde a libertação acontece. Uma lógica de acupuntura: é ali, e não ao lado. Quando finalmente se encontra esse ponto, a luz aparece.

O caminho revela-se — sempre. [...] Nesta personagem em situação-limite — enterrada, imobilizada, aprisionada — a palavra surge como ato de sobrevivência. Fala-se para existir. Para afirmar que se está vivo. Para não perder a memória. A memória que sustenta a identidade. Para não desistir. Esta é, por isso, uma peça de resistência. E, como toda a resistência, é profundamente política. Um teatro que convoca a liberdade. Agora e sempre.

Miguel Seabra